

AMC

Revista de História, Arqueologia e Património

Moura | Portugal





Revista de História,
Arqueologia e Património

Moura | Portugal



Ficha Técnica

Título: Lacant - Revista de História, Arqueologia e Património

Autor: Vários

Edição: Câmara Municipal de Moura | Divisão de Cultura, Património e Desporto

Data: 07/2024.

Design: Câmara Municipal de Moura

Impressão: Gráfica Comercial de Loulé

Tiragem: 100 exemplares

Depósito Legal: 489706/21

ISSN: 2184-9587

Imagem de capa: Anta da Negrita

Nota de Abertura

Três anos volvidos desde o lançamento do primeiro número da Lacant - Revista de História, Arqueologia e Património da Câmara Municipal de Moura, chegamos agora à 5ª edição. Acreditamos que ao longo deste período de tempo, o conjunto de trabalhos de investigação que fomos ajudando a divulgar têm sido um importante contributo para conhecer e valorizar o património e a História do nosso território, dando cumprimento àquele que é, afinal, objetivo primordial da publicação.

Mantemo-nos fieis aos nossos princípios de que sendo a Lacant uma revista local, deverá desempenhar um papel de difusão do labor que tanto os investigadores em início de carreira, como os mais experientes, vão desenvolvendo por cá. Também por isso, de forma assumida, optámos por manter os critérios formais o mais flexíveis possível, guardando sempre espaço para que uma análise e eventual crítica do conteúdo e das conclusões dos artigos possa ser feita, também, nas páginas da própria revista por outros autores que deles discordem.

Reiteramos a nossa disponibilidade para a publicação de monografias a partir de teses de mestrado ou de doutoramento através de edições especiais, para já, em formato digital.

Queremos que esta revista seja de fácil leitura e de conteúdos acessíveis ao normal leitor, para que o conhecimento do território chegue a todos, valorizamos assim as nossas raízes, aquilo que são as mostras e os vestígios do nosso passado, pois eles são o testemunho do que já fomos, das experiencias que já vivemos, daquilo em que nos tornámos. Os artigos até à data publicados ajudam o leitor a criar uma imagem mais nítida e real do povo que ocupou o município de Moura e que foi definindo quem somos na atualidade. Esta revista tem contribuído para o conhecimento mais verdadeiro da nossa identidade.

Uma palavra de apreço para todos os trabalhadores do município envolvidos na elaboração da revista.

Gostaria também de, em nome da Câmara Municipal de Moura, agradecer a todos os autores que contribuíram com os seus trabalhos para esta edição da Lacant.

O
Megalitismo
no
Concelho de Moura:
Contributos para uma Síntese

Miguel António Paixão Serra

Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património
(Universidade de Coimbra)
Câmara Municipal de Serpa
(Divisão de Cultura e Património)
mmserra@cm-serpa.pt

João Barreira

Museu Rainha Dona Leonor
O Legado da Terra, Cooperativa de Responsabilidade Limitada
Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património
(Universidade de Coimbra)
joambarreira@gmail.com

Luís Costa

O Legado da Terra, Cooperativa de Responsabilidade Limitada
luiscostapac@gmail.com

João Reis

O Legado da Terra, Cooperativa de Responsabilidade Limitada
joapascensaoreis@gmail.com

Nelson J. Almeida

CHAIA, Centro de História da Arte e Investigação Artística
IN2PAST, Laboratório Associado para a Investigação e Inovação
em Património, Artes, Sustentabilidade e Território
Departamento de História, Universidade de Évora
UNIARQ, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa
O Legado da Terra, Cooperativa de Responsabilidade Limitada
nelson.almeida@uevora.pt

Introdução

A realização de trabalhos arqueológicos de salvaguarda na Anta do Zambujal (Selmes, Vidigueira), da responsabilidade d'O Legado da Terra, Cooperativa de Responsabilidade Limitada, serviu de motivação para a elaboração de uma proposta de síntese sobre o Megalitismo no Baixo Alentejo, nomeadamente nos concelhos de Alvito, Cuba, Vidigueira, Serpa e Moura, com o objetivo de enquadrar os resultados aí obtidos¹.

A inexistência de uma síntese regional devidamente atualizada condicionou esses objetivos e reforçou a necessidade de elaboração de trabalhos de caracterização do Megalitismo nesta região, através de análise bibliográfica, levantamento da situação de referência e do estado atual dos monumentos em causa, criando uma base de dados indispensável para projetos futuros.

Os recentes trabalhos de atualização da informação enquadrados no âmbito do Processo de Classificação do Megalitismo Alentejano², desenvolvidos em estreita articulação entre os técnicos da extinta Direção Regional de Cultura do Alentejo, atual Unidade de Cultura da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo e os municípios abrangidos, permitiram um novo impulso sobre a temática do Megalitismo, constituindo uma oportunidade para o desenvolvimento da sistematização dos dados para o concelho de Moura, que apresentamos no presente trabalho.

Breve resenha do Megalitismo do concelho de Moura

O concelho de Moura, situado na zona Este do Baixo Alentejo, possui uma área de 958,46 km² e encontra-se delimitado a Este e Sul pela fronteira com Espanha, a Este por Barrancos, a Norte por Mourão, Reguengos de Monsaraz e Portel, a Oeste pela Vidigueira e a Sudoeste por Serpa.

O seu território apresenta um importante conjunto de solos férteis, que aliado à presença das redes hidrográficas do Guadiana e do Ardila, o transformam numa zona de grande aptidão agrícola, propícia à horticultura, às culturas cerealíferas e à olivicultura³, com esta última em clara expansão na atualidade.

A morfologia concelhia é marcada pelo Pico das Escovas (584 m), a Serra da Adiça (520 m) e a Atalaia Gorda (276 m), pontuada por relevos ondulados com cotas inferiores e terrenos planos.

¹ ALMEIDA *et al.* 2022; ALMEIDA *et al.* no prelo

² Diário da República, 2ª série, n.º 31, de 13.01.2023, Anúncio n.º17/2023

³ MACIAS *et al.* 2016, p. 13

Os monumentos megalíticos identificados no concelho de Moura encontram-se distribuídos por todo o território, com localizações diversificadas, ocupando terrenos planos ou de orografia suave em cotas inferiores em ambas as margens do Ardila ou nas proximidades no Guadiana, na zona Norte do concelho, ou em relevos mais acentuados, como o conjunto de dolmens situados na faixa Sul do território (Fig. 1).

Os cerca de 30 monumentos conhecidos para o concelho de Moura integram-se essencialmente no Megalitismo funerário, encontrando-se bem identificadas seis antas, às quais acrescem 23 que geram maiores dúvidas por não se conhecerem quaisquer vestígios na atualidade ou não terem sido devidamente relocalizadas. Para além destes casos estão ainda identificadas três mamoaas, que eventualmente também poderão ser integradas no fenómeno do Megalitismo funerário, apesar de algumas dúvidas sobre a sua integração cronológica, que só serão esclarecidas com trabalhos de outra natureza.

As seis antas devidamente referenciadas são as de Álamo/Touril 1, situada na freguesia de Sobral da Adiça, Malhada da Defesa 1 e São Bernardo, ambas na União de Freguesias de Moura e Santo Amador, Monte Novo das Antas 3, na Póvoa de São Miguel e as antas da Negrita 1 e de Pedras Tanchadas, localizadas na União de Freguesias de Safara e Santo Aleixo da Restauração.

As três mamoaas identificadas em Moura, Coutada, Judeu 4 e Abroteiras localizam-se respetivamente na União de Freguesias de Moura e Santo Amador, Freguesia de Póvoa de São Miguel e União de Freguesias de Safara e Santo Aleixo da Restauração.

Um expressivo conjunto de 23 monumentos de identificação mais duvidosa ou mesmo já desaparecidos engloba os sítios de Amareleja e Garrochais, situados na Freguesia da Amareleja, a Anta do Monte dos Bravos e Cid Almeida, em Moura e Santo Amador, nove possíveis antas em Sobral da Adiça, como Outeiro dos Bentinhos/Anta 3 do Touril, três antas no Touril, Dona Catarina, Palhares, Parreira, Preguiça e Vila Ruiva. Na Póvoa de São Miguel existem referências a sete antas da Herdade das Antas e outra na Serra Brava. Finalmente, estão ainda sinalizadas antas em Vale de Vinagre e Negrita 2, na União de Freguesias de Safara e Santo Aleixo da Restauração.

Várias das descrições destes monumentos suscitam muitas dúvidas, e que podem conduzir a um número total de monumentos megalíticos ainda mais expressivo, uma vez que é sugerido que alguns dos sítios indicados poderiam ter mais vestígios, já desaparecidos há muito.

As primeiras referências a monumentos megalíticos no concelho de Moura surgem-nos de forma algo difusa e dispersa a partir dos anos 30, sem que tenha havido uma verdadeira tentativa de sistematização até à atualidade. Estes dados, distribuídos por diferentes publicações de vários autores apresentam-se, por vezes, com descrições sumárias e localizações nem sempre precisas, a que não será alheio o facto de em algumas ocasiões se estarem a referir a vestígios já desaparecidos, mas ainda presentes na memória oral das populações locais, ou num estado de conservação demasiado precário para gerarem informações precisas.

Apesar das limitações acima referidas, são incontornáveis as menções iniciais de algumas figuras de relevo no panorama da arqueologia nacional, como José Leite de Vasconcellos, Irisalva Moita, o casal Leisner, e, claro, do mourense José Fragoso de Lima, autêntico pioneiro da arqueologia desta região.

Sem pretensão de uma revisão bibliográfica exaustiva, identificamos uma das primeiras referências à presença de monumentos megalíticos em Moura através da inclusão deste concelho na lista elaborada por José Leite de Vasconcellos sobre o povoamento em Portugal na Pré-história, sinalizando aí a presença do topónimo “Anta”, sem qualquer indicação do, ou dos, monumentos concretos que se lhe poderiam associar⁴.

Mas é, sem sombra de dúvida, a José Fragoso de Lima que se devem as principais referências a sítios enquadráveis no fenómeno do Megalitismo no território de Moura, através de diversos trabalhos de identificação e caracterização.

Em Setembro de 1938, nas páginas do Jornal de Moura, onde publicava regularmente, Fragoso de Lima menciona os topónimos de Antas e Pedras Tanchadas, em Santo Aleixo da Restauração, estabelecendo, naturalmente, a sua ligação a monumentos pré-históricos. Na breve descrição que lhe foi reportada pelas gentes locais, é indicado que o topónimo “Antas” corresponde a um conjunto de pedras de grande dimensão dispostas verticalmente, enquanto que Pedras Tanchadas, também se refere a situação similar, mas com pedras de menor dimensão⁵.

No ano seguinte visitaria o local e verifica que para além dos topónimos já mencionados existe um outro, “Poço das Antas”, que lhe permite sugerir a existência de mais dolmens, para além dos dois que se conservavam, “Anta”, na Herdade da Contenda e “Pedras Tanchadas”, topónimo presente quer na Herdade da Contenda, quer na Herdade da Negrita. Fragoso de Lima, num espírito de partilha e desprendimento em relação a estes achados, releva ainda ter dado conta destas informações ao seu “...*mestre e amigo*...”, José Leite de Vasconcellos, que lhe garantiu ter intenção de publicar tais dados em artigo⁶, o que viria a ocorrer também nas páginas do Jornal de Moura, sob o título “Antas da Negrita”, em Setembro de 1939, naquele que terá sido o último trabalho do *mestre* sobre pré-história⁷, poucos anos antes do seu falecimento em 1941.

Estas primeiras incursões sobre o mundo do Megalitismo, levariam Fragoso de Lima a desenvolver motivação para alargar as suas pesquisas ao restante território, onde valorizou sempre os levantamentos toponímicos, as recolhas orais ou a presença de certas lendas, para identificar possíveis sítios.

⁴ VASCONCELLOS, 1912, p. 264

⁵ LIMA, 2003, p. 43

⁶ *Idem* 2003, p. 46, 47

⁷ *Ibidem* 2003, p. 158

Entre 1941 e 1942 identifica novos monumentos em Sobral da Adiça e em outros locais⁸, o que terá em parte despertado o interesse de outros investigadores, como atestado pelos trabalhos de investigação sobre Moura, realizados por Georg e Vera Leisner em 1944⁹.

Mas Fragoso de Lima não haveria de ficar apenas pelas descrições do que observava à superfície dos terrenos e, juntamente com Manuel Heleno, promove escavações arqueológicas na anta de São Bernardo, em 1947, cujos dados permanecem pouco conhecidos por deles não se ter publicado qualquer artigo, mas apenas alguns relatórios¹⁰.

Entre as décadas de 40 e 50 do século passado parece ter-se evidenciado um maior interesse pelo Megalitismo de Moura, na sequência de trabalhos e sistematizações efetuadas sobre outros territórios próximos, de que são exemplo algumas referências como a sugestão deixada pelo casal Leisner de que o potencial de zonas como Sobral da Adiça, Santo Aleixo ou Safara justificaria um estudo mais aprofundado¹¹. Os investigadores alemães deixam ainda uma outra interessante menção a uma ponta de liga de cobre proveniente da Anta do Outeiro dos Bentinhos¹².

Anos mais tarde, em 1974, Fragoso de Lima publica uma curta síntese sobre o “Campo Dolménico da Negrita”, que simultaneamente serve como trabalho de revisão sobre as várias notícias e trabalhos publicados sobre o Megalitismo da Moura¹³ e onde deixa vários lamentos, a propósito das diversas destruições sofridas por alguns dos monumentos, nomeadamente as antas da Herdade da Negrita, mas também deixa indicações sobre os trabalhos necessários para a sua investigação, conservação e valorização¹⁴.

Nesta curta revisão sobre a bibliografia arqueológica relativa ao Megalitismo em Moura devem ainda ser destacados os trabalhos de sistematização dos “conjuntos dolménicos” que Fragoso de Lima identifica em Santo Aleixo, com as duas antas já mencionadas da Negrita 1, possivelmente correspondente ao monumento designado como Dólmen do Sítio das Antas, pelo investigador mourense, e das Pedras Tanchadas, deixando ainda a sugestão de terem existido nas suas proximidades diversos outros monumentos entretanto desaparecidos. Na Póvoa de São Miguel refere a existência de 10 dólmenes, incluindo a Pedra das Antas, posteriormente designada como Monte Novo das Antas 3, e outros dois monumentos próximos, os dólmenes 2 e 3 da Herdade das Antas, que também seriam designados por “*Edifício dos Mouros*”. Não muito distante destes, refere ainda um conjunto de 7 dólmenes “...*ligados uns aos outros por corredores...*”, uma situação de difícil interpretação e atualmente impossível de verificar pelo desaparecimento destes vestígios. Em Sobral da Adiça reporta o autor mais seis antas, a Anta n.º 1 do

⁸ LIMA, 2003, p. 159

⁹ LEISNER & LEISNER 1956; LEISNER & LEISNER 1959

¹⁰ LIMA, 2003, p. 159

¹¹ LEISNER & LEISNER, 1951, p. 13

¹² *Idem* 1951, p. 149

¹³ LIMA, 2003

¹⁴ *Idem* 2003, p. 204

Touril, também referenciada como anta do Álamo, para além de mais 4 antas na mesma herdade e a Anta da Preguiça, destruída em 1914 por trabalhos de mineração¹⁵.

As dificuldades para desenvolver qualquer tentativa de sistematização destes monumentos fica bem patente nas dúvidas geradas nas descrições, muitas vezes indiretas que Fragoso de Lima registou, ou nas diferentes designações atribuídas, possivelmente, aos mesmos monumentos.

Neste curto percurso pela história da investigação do Megalitismo pelas terras de Moura, cabe ainda referir os trabalhos de Irisalva Moita, que inclui vários dos monumentos publicados por Fragoso de Lima e acresce novos sítios como uma possível anta em Garrochais, na freguesia de Amareleja¹⁶.

Entre os trabalhos mais recentes encontra-se o levantamento efetuado no âmbito da implementação do Projeto Alqueva, coordenado por António Carlos Silva, que inclui mais alguns novos elementos ao panorama anteriormente conhecido, para além de uma importante atualização da situação de referência¹⁷.

Entre os novos dados destaca-se a identificação de uma mamoa em Monte do Judeu 4, localizada na Póvoa de São Miguel¹⁸.

A presente revisitação bibliográfica mostra claramente as insuficiências da investigação centrada no Megalitismo para o território de Moura, mas também evidencia a relevância do conjunto de monumentos que aí existiu e que importa conhecer com maior detalhe. Infelizmente, muitos dos monumentos descritos não se encontram devidamente estudados e as destruições que sofreram limitam em muito as perspetivas futuras de intervenção.

Antas e Mamoas

De entre os mais de 30 monumentos referenciados para o concelho de Moura, muitos dos quais desaparecidos ou não relocados, existem descrições mais pormenorizadas para um conjunto de seis antas e três mamoas, que constituem a base da lista elaborada no âmbito do já referido Processo de Classificação do Megalitismo Alentejano.

Segue-se uma breve descrição de cada um dos monumentos:

Álamo/Touril 1 (Sobral da Adiça). Anta simples com mamoa bem preservada e que ainda conserva oito esteios “*in situ*” (Fragoso de Lima identifica nove), apesar do esteio de cabeceira já não se encontrar presente, bem como outros dois que teriam sido roubados. Fragoso de Lima refere que um dos esteios poderia corresponder a uma estela e está gravado com “covinhas”¹⁹.

¹⁵ LIMA, 1988, p. 30-34

¹⁶ MOITA, 1965

¹⁷ SILVA, 1999

¹⁸ *Idem* 1999, p. 258

¹⁹ LIMA, 1988, p. 39, 40

Malhada de Defesa 1 (União de Freguesias de Moura e Santo Amador). Esta anta conservava apenas um esteio com 2 metros de comprimento e um amontado com quatro ou cinco esteios de menor dimensão e não apresentava vestígios da mamoa²⁰ Segundo informação da Câmara Municipal de Moura, após realocização do sítio, aparenta ter sido destruído.

São Bernardo (União de Freguesias de Moura e Santo Amador). Também designada como Anta do Castro de São Bernardo, trata-se de uma anta de pequenas dimensões que foi escavada por Fragoso de Lima e Manuel Heleno em 1947²¹.

Monte Novo das Antas 3 (Póvoa de São Miguel). Referida pelos Leisner como Anta 1 da Herdade das Antas²² e por Fragoso de Lima como Pedra das Antas²³, possui nove esteios na câmara, com 4 metros de diâmetro. Já não tem vestígios da laje de cobertura nem do corredor²⁴. Nas proximidades identificou-se uma possível estela tombada, com 3,5 metros por 1 metro (Fig. 2).

Anta da Negrita 1 (União de Freguesias de Safara e Santo Aleixo da Restauração). Com cinco esteios *in situ*, incluindo o de cabeceira, com uma altura de 2,44 metros, é uma das antas de maiores dimensões no concelho de Moura. A câmara tem planta poligonal e o corredor é subretangular, encontrando-se praticamente soterrado. Ainda se observam muitas pedras da mamoa e um possível anel pétreo²⁵ (Fig.3).

Anta das Pedras Tanchadas (União de Freguesias de Safara e Santo Aleixo da Restauração). Também referida como Pedras Tanchadas 2 ou Negrita 3, conserva sete esteios *in situ*, e o esteio de cabeceira encontra-se fraturado. Já não possui vestígios da mamoa e do corredor²⁶.

Monte da Coutada (União de Freguesias de Moura e Santo Amador). Mamoa com 8 metros de diâmetro que apresenta uma concentração de blocos de xisto e quartzo, que não permitem uma melhor caracterização. Suscita algumas dúvidas sobre a sua referenciação bibliográfica, o que se poderá dever a uma possível diferente nomenclatura, como sucede com outros casos.

Monte do Judeu 4 (Póvoa de São Miguel). Mamoa circular situada no topo de uma pequena elevação, com 7 metros de diâmetro e 1,5 metros de altura. Era constituída por blocos de quartzo e pequenas lajes de xisto ligadas por terra argilosa²⁷, mas cujos vestígios já não se conservam.

Abroteiras/Abutreiras (União de Freguesias de Safara e Santo Aleixo da Restauração). Esta mamoa apresenta dimensões superiores em relação aos dois casos anteriores, com cerca de 20 metros de diâmetro. Encontra-se delimitada por um anel pétreo e ao centro observam-se alguns esteios de pequena

²⁰ SILVA, 1999, p. 357

²¹ LIMA, 2003, p. 159

²² LEISNER & LEISNER, 1959, p. 247

²³ LIMA, 1988, p. 35

²⁴ *Idem* 1988, p. 35

²⁵ LIMA, 1988, p. 32; LEISNER & LEISNER, 1959, p. 247

²⁶ *Idem* 1988, p. 33; LEISNER & LEISNER, 1959, p. 247

²⁷ SILVA, 1999, p. 342

dimensão²⁸. No entanto, a sua configuração e elementos constituintes parecem aproximá-la mais das cistas com *tumulus* da Idade do Bronze Pleno (Fig. 4).

Monumentos desaparecidos e incertos

Para além dos 9 exemplares acima mencionados, existem muitas outras referências que incluem monumentos já desaparecidos ou cujas descrições não permitem uma conclusão segura para a sua integração no fenómeno megalítico. Subsistem ainda algumas dúvidas sobre se a mamoa de Monte do Judeu 4 e a anta da Malhada de Defesa 1 terão mesmo sido destruídas, passando a integrar a listagem do presente capítulo.

Na freguesia da Amareleja surgem informações relativas a uma anta homónima e outra em Garrochais²⁹, que carecem de confirmação. Na União de Freguesias de Moura e Santo Amador conhecem-se referências a antas no Monte dos Bravos e Cid Almeida³⁰, mas que já se encontrariam muito destruídas nos anos 40.

Para a zona de Sobral da Adiça estão indicados diversos vestígios que nos deixam muitas dúvidas, como Dona Catarina, Palhares, Parreira e Preguiça, para além das 4 antas descritas por Fragoso de Lima no Touril³¹ (Fig. 5), onde também está situada a Anta do Álamo/Touril 1, anteriormente mencionada. E ainda se encontra assinalada, na mesma Herdade do Touril, a anta do Outeiro dos Bentinhos³², que deverá corresponder à Anta 3 do Touril, assinalada por Fragoso de Lima. Os Leisner ainda referem uma outra anta na zona de Sobral da Adiça, a anta de Vila Ruiva.

No caso da Herdade de D. Catarina, os Leisner referem que aí existiria um número indeterminado de sepulturas, já pouco preservadas³³, enquanto que para a anta de Palhares é referida a sua violação em época romana³⁴, sem outros elementos descritivos.

Para a anta da Parreira³⁵ também escasseiam informações que permitam confirmar tratar-se de um ou mais monumentos.

A já citada anta da Preguiça, destruída em 1914, possui uma breve referência de Fragoso de Lima, que recolhe informações junto da população local, informando que ainda conservava o chapéu antes da sua destruição e que nas suas imediações se recolheu uma ponta de seta em cobre³⁶.

Na Herdade do Touril, para além da já descrita anta do Álamo/Touril 1, Fragoso de Lima identifica mais quatro monumentos. Sobre a Anta n.º 2 é referida a presença de quatro esteios e que seria um monumento

²⁸ Inédita. Informação cedida pela Câmara Municipal de Moura

²⁹ MOITA, 1965

³⁰ LEISNER & LEISNER, 1959, p. 246

³¹ LIMA, 1988, p. 40, 41

³² LEISNER & LEISNER, 1959, p. 247

³³ *Idem*, 1959, p. 248

³⁴ *Ibidem*, 1959, p. 247

³⁵ *Ibidem*, 1959, p. 247

³⁶ LIMA, 1988, p. 41

de pequenas dimensões; para a Anta n.º 3, possivelmente equivalente à anta do Outeiro dos Bentinhos, apenas é dito que tem características iguais à anterior e que aí se recolheu um machado de pedra e uma ponta de seta em cobre. É ainda referida a existência das antas n.º 4 e 5, mas sem qualquer descrição relevante³⁷. Sobre a anta de Vila Ruiva, referem os Leisner que esta possuía câmara elíptica e não tinha corredor, encontrando-se bem preservada e com alguns esteios com cerca de 2 metros de altura³⁸.

Também na Póvoa de São Miguel encontramos referências a diversos vestígios, mas de difícil confirmação. Começamos por referir uma anta na Serra brava, que não foi localizada e o conjunto de sete antas da Herdade das Antas, ligadas entre si, segundo a descrição de Fragoso de Lima, situação que suscita imensas dúvidas. Refere o autor que uma das antas é de dimensão superior às restantes, possuindo seis esteios partidos ao nível do chão, rodeados de calços. O facto mais curioso que descreve reporta-se à existência de três entradas nesta anta, associadas a corredores assinalados por alguns esteios. Para as restantes seis antas é referida a presença de esteios e dos corredores que os unem entre si, para além de algumas destruições efetuadas pelos trabalhadores da herdade³⁹.

Por fim, na União de Freguesias de Safara e Santo Aleixo da Restauração estão mencionadas antas em Vale de Vinagre, que ainda conservava dois esteios e na Negrita 2⁴⁰, dois quais já não subsiste qualquer vestígio.

Conclusões

No concelho de Moura, apesar das incertezas que rodeiam muitas das informações existentes, surgem referências a cerca de três dezenas de antas, o que prefiguraria um número bastante relevante e superior ao dos mencionados territórios vizinhos do Baixo Alentejo⁴¹.

No entanto, os números não são acompanhados por um interesse sistemático e gerador de conhecimento, pois escasseiam os trabalhos arqueológicos mais específicos sobre este tipo de monumentos, havendo apenas a registar uma única escavação arqueológica, na anta de São Bernardo, realizada há mais de 70 anos e da qual pouco se sabe.

Apesar das limitações apontadas, julgamos que o presente trabalho pode constituir uma chamada de atenção para o potencial de natureza científica e eventualmente de valorização patrimonial que alguns dos monumentos descritos podem gerar.

A realização recente de trabalhos de relocalização e atualização da informação disponível, enquadrados no âmbito do Processo de Classificação do Megalitismo Alentejano, tem permitido uma avaliação do estado

³⁷ LIMA, 1988, p. 41

³⁸ LEISNER & LEISNER, 1959, p. 248

³⁹ LIMA, 1988, p. 36-38

⁴⁰ LEISNER & LEISNER, 1959, p. 247

⁴¹ ALMEIDA *et al* no prelo

de conservação dos monumentos, gerando novos elementos para as bases de dados, indispensáveis, não só para a comunidade científica, mas também enquanto instrumento de gestão territorial.

O estado da arte sobre o Megalitismo do concelho de Moura demonstra a necessidade urgente de executar alguns trabalhos, relativamente simples, mas que possibilitam a obtenção de dados indispensáveis para uma melhor caracterização e compreensão dos vestígios mencionados, como por exemplo, a execução de levantamentos topográficos, fotográficos ou mesmo fotogramétricos, que permitam a reconstituição das plantas dos monumentos, uma vez que não se conhece nenhuma publicada até à data para o território de Moura, à exceção da planta da anta de Negrita ²⁴², da qual pouca informação subsiste. Naturalmente, que este tipo de trabalhos permite também uma série de elementos indispensáveis para uma melhor caracterização de cada um dos monumentos observados e que poderão constituir uma base futura para a conceção de um projeto de investigação destinado a aprofundar o conhecimento sobre o Megalitismo nesta região, enriquecendo a perceção sobre o mesmo, tanto da parte da comunidade científica como do público em geral.

Agradecimentos

Os autores querem expressar o seu agradecimento à Câmara Municipal de Moura e em particular a José Gonçalo Valente pelas diversas informações e esclarecimentos prestados, bem como pela cedência das imagens utilizadas.

⁴² LEISNER & LEISNER, 1959, t.24

Imagens:

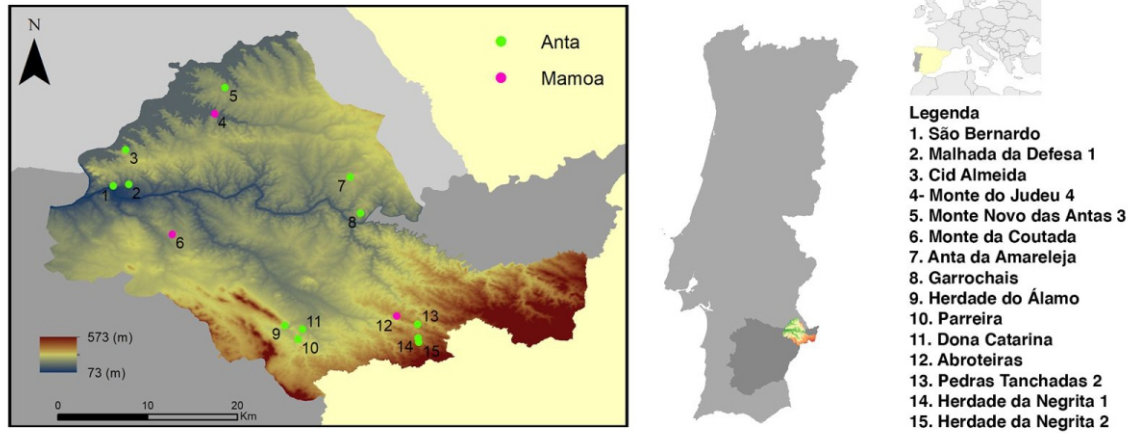


Fig. 1 - Localização do concelho de Moura no território nacional e dos monumentos megalíticos nele georeferenciados.



Fig. 2 - Monte Novo das Antas 3 (fotografia: Câmara Municipal de Moura).



Fig. 3 - Anta da Negrita 1
(Fotografia : Câmara Municipal de Moura)



Fig. 4 - Mamoas das Abroteiras.



Fig. 5 - Reaproveitamento de esteios em Monte do Touril (fotografia: Câmara Municipal de Moura).

Bibliografia

ALMEIDA, N., SERRA, M., REIS, J., COSTA, L. e BARREIRA, J. (no prelo) – Passado, presente e futuro do Megalitismo no Baixo Alentejo: os Municípios de Vidigueira, Cuba, Alvito, Moura e Serpa (Distrito de Beja). *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular*. Fundação Lapa do Lobo, Nelas, 26, 17 de janeiro 2024.

ALMEIDA, N., BARREIRA, J., COSTA, L., REIS, J. e SERRA, M. (2022) – Anta do Zambujal (Selmes, Vidigueira). Trabalhos em curso e contributos para a história do monumento. *Al Madan Online*, 25, tomo 2, p. 119-120.

LEISNER, G e LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: der Westen*. Madrider Forschungen. Berlin: Walter Gruyter & Co., Bd. 1:2.

(1956) – *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: der Westen*. Madrider Forschungen. Berlin: Walter Gruyter & Co., Bd. 1.

(1951) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o Estudo da Cultura Megalítica em Portugal*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.

LIMA, J. F. (2003) – *Elementos históricos e arqueológicos do concelho de Moura*. Moura: Câmara Municipal de Moura, 2ª edição.

(1988) – *Monografia Arqueológica do concelho de Moura*. Moura: Câmara Municipal de Moura.

MACIAS, S., GASPAS, V. e VALENTE, J. G. (2016) – *Castelo de Moura. Escavações arqueológicas 1989-2013. Textos*. Moura: Câmara Municipal de Moura.

MOITA, I. (1965) – A carta arqueológica da margem esquerda do Guadiana e o Museu de Serpa (projecto). *Lucerna*, 4, p. 140-152.

SILVA, A. (1999) – Salvamento arqueológico no Guadiana. Memórias d’Odiana. *Estudos Arqueológicos do Alqueva*, 1. Beja: EDIA.

VASCONCELLOS, J. (1912) – Le peuplement au Portugal aux temps pré-historiques d’après des données de la toponymie. *O Arqueólogo Português*, 1ª série, 17, p. 255-265.

Índice

Nota de Abertura	3
O Megalitismo no concelho de Moura – contributos para uma síntese	5
Miguel António Paixão Serra João Barreira Luís Costa João Reis Nelson J. Almeida	
Escavação Arqueológica no Posto de Recepção ao Turista do Castelo de Moura (2010/2011): Síntese dos Principais Resultados	21
José Gonçalo Valente Rui Monge Soares	
O grafito de Moura e os problemas das escritas pré -romanas no Sudoeste hispânico	59
Amílcar Guerra	
Estudo antropológico de uma sepultura isolada no interior do Castelo de Moura (Torre de Salúquia).	69
Margarida Figueiredo	
Umas eleições atribuladas. As eleições administrativas de 1922 no concelho de Moura .	91
Arlindo Caldeira	
Índice	105

LACANT

2024 | edição: Câmara Municipal de Moura

